

ENTREVISTA / PAULO PAIM

Paulo de Tarso Lyra

“Não tenho espaço nesse governo”

– O senhor está se sentindo traído?

– Estou desconfortável, angustiado, constrangido em não poder dialogar com um governo que sonhei e ajudei a eleger. Não tenho espaço. Recebi diversos telefonemas de senadores de todos os partidos, inclusive do PT, prestando solidariedade. Até petistas que pensam diferente de mim me apoiaram, dizendo: “Se fazem isso com você, vice-presidente do Senado, o que não farão conosco, quando elevarmos a voz contra o Palácio?”

– O governo afirma que precisa manter na comissão pessoas favoráveis ao mínimo de R\$ 260.

– A Ideli (Salvatti, líder do PT no Senado) me disse isso. Garantiu ter sido uma decisão tomada em conjunto por ela e o líder do PT na Câmara, Arlindo Chinaglia (SP). A comissão só vai se reunir três dias – terça, quarta e quinta (o prazo de funcionamento se encerra em 13 de maio). Dois dias para debates e um para deliberação, é muito desgaste e inabilidade. O governo não está entendendo que ele é o Estado, o poder, tem que ter grandeza para dialogar. Não pode acantear os parlamentares, pois o leão, quando acuado, ataca.

– A decisão reforça sua posição de votar contra a MP dos R\$ 260.

– Nunca votei contra o PT, ao longo destes 18 anos. Na questão do salário mínimo, se ficar em R\$ 260, votarei contra. Tenho dito isso claramente, para que o governo saiba com quem ele pode contar. Não votei a favor do salário mínimo ano passado. Quem pegar a planilha vai ver que não votei, me abstive. Mesmo assim, trabalhamos, falei com o presidente ano passado e avançamos na questão de o mínimo voltar para a data-base em 1º de maio. Defendi também que o pagamento de todos os aposentados que recebem o mínimo fosse feito até o quinto dia útil. Este ano, tenho dito claramente que posso votar contra o governo e o PT, porque jogo franco.

– Não teme ser expulso do partido?

– Outros contestaram a questão interna, não saíram do PT, apelaram até a última instância, há alguns apelando ainda. Foram expulsos. Não sairei desta trincheira de resistência. Quero tentar contribuir e mudar os rumos da política econômica. Se for encaminhado algo semelhante, me submeto. Alguns gostariam que mudasse meu discurso, mas não consigo mudar. Está dentro de mim.

– Como começou a crise quanto à sua participação na Comissão Especial?

– Desde o primeiro dia em que a MP foi apresentada, previa que tínhamos de montar uma Comissão Especial, com deputados e senadores, para conseguir o entendimento. Queria que deputados e senadores também assumissem a responsabilidade de apontar as fontes de recursos. Ninguém me avisou, ninguém me comunicou, só fui lá. Ninguém proibiu.

– A formação dessa Comissão repercutiu muito mal também na Câmara. O presidente João Paulo disse que foi atropelado, líderes governistas afirmaram que o PT no Senado estava fragilizando o governo.

– Com essas críticas e com todo o respeito aos meus colegas da Câmara (estive lá muito tempo), não posso concordar. Eles têm de entender que Câmara é Câmara, Senado é Senado. Aqui, as discussões, os acordos são muito mais polêmicos e muito mais contundentes porque o governo não tem a maioria que tem lá.

– O governo garante que tem.

– A pergunta que faço é: De cada 100 MPs que o governo encaminha, quantas foram aprovadas exatamente como o governo mandou? Quase nenhuma. Então, na questão do salário mínimo, tinham de prever isso, da mesma forma como ocorreu com os bingos agora. A MP dos Bingos não foi só alterada, foi derrotada. Poderia ter sido construído um substitutivo, havia espaço para isso. Foi simplesmente derrotada porque entenderam que

BRASÍLIA – O ideário petista do senador Paulo Paim (RS), cultivado ao longo dos últimos 20 anos, despencou sobre seus ombros na sexta-feira. Referência do partido quando o assunto é salário mínimo, o ex-líder estudantil, ex-secretário-geral da CUT, ex-deputado federal e atual 1º vice-presidente do Senado, Paim foi expulso pelo PT da Comissão Especial que trata do mínimo. Magoado, manteve a rotina de palestras. Nada disfarçava, no entanto, o desalento e a tristeza. A destituição foi consequência de críticas feitas pelo ex-centro-médio do Caxias do Sul – que abandonou o futebol e o atletismo pela certeza de que seu futuro estava na política, “defendendo os desamparados”.

No gabinete do Senado, em entrevista ao JB, do

lado esquerdo uma bandeira do Rio Grande do Sul, atrás uma foto do presidente Lula e à direita uma foto de Abdias Nascimento, símbolo da luta pela igualdade racial no Brasil, Paim não teme ser expulso do PT. Sabe que serve de espelho para outros que, como ele, nasceram negros e pobres.

Cultiva amigos em todos os setores – na última quarta, recebeu um conselho do amigo, o também gaúcho e novo presidente do STF, Nelson Jobim:

– Sei que você está com problemas de saúde. Parabéns pelo trabalho. Governo é assim mesmo. Não se estresse – advertiu Jobim.

Está cada vez mais difícil. Mesmo assim, sonha ter tempo para nataçao e ocupa o tempo livre fazendo poesia. Publicará o segundo livro em setembro.



José Paulo Lacerda

dava para aprovar exatamente como veio da Câmara.

– Por que as coisas sempre são mais difíceis no Senado?

– Somos minoria aqui. Só como exemplo, o governo disse, na reforma da Previdência, que não aprovaria nada diferente daquilo que mandou pra cá. Reuniu todos os líderes, teve de mudar na Câmara e ceder na emenda paralela no Senado. Isso faz parte da vida. Não pode o Executivo achar que manda para cá um projeto, que tem de ser aprovado como veio. Não tem essa. Ele tem de saber que poderá ser derrotado, modificado ou aprovado.

– O PT está perdendo a sintonia com a população?

– O dia em que o PT perder essa sintonia será muito grave. Você não pode perder a sintonia com o rufar dos tambores nas ruas. Os tambores estão rufando lá fora, estão se comunicando com os palácios em Brasília. A questão do salário mínimo foi um erro político, econômico e social.

– O governo cedeu ao discurso fácil do equilíbrio fiscal para justificar um reajuste menor para o mínimo?

– Tem uma frase do Gandhi que diz o seguinte: “Para resolver o problema da fome do meu povo, não preciso dos economistas.” Nada contra os economistas, é uma coisa simbólica, nem contra o Palocci, que nem economista é. Gandhi queria dizer que o “economês”, a burocracia, não vai resolver os problemas do país. Temos de apon-

tar caminhos, alternativas. Queiramos ou não, temos uma marca social muito forte. Quando você pega o representante da ONU dizendo que o Brasil é campeão mundial da desigualdade social, vê o desemprego aumentando, a renda caindo e a violência subindo, chega à conclusão de que temos de parar para pensar. Não é mais sinal amarelo, é um amarelo passando para o vermelho, piscando.

– O senhor é favorável a desvincular o mínimo da Previdência?

– Não consigo nem acreditar que isto foi proposto. Talvez ele (o chefe da Casa Civil, José Dirceu) tenha dito que é preciso enfrentar esse debate da Previdência. Enfrentar, tudo bem, é normal. Agora, o nosso governo entrar para a história como o governo que aprovou uma lei dizendo que o aposentado, nosso velhinho, não receberá nem o mínimo, não existe.

– Lula pediu que o Congresso encontrasse uma saída para essa questão.

– Essa proposta não passa aqui. Não há forças na Terra que consigam fazer o Congresso aprovar uma proposta como essa. O que que é isso? O aposentado é alguém que trabalhou uma vida inteira e, hoje, o salário mínimo não compra nem o remédio.

– A bancada do PT é mais desarticulada no Senado do que na Câmara?

– Temos um problema de comunicação entre o Palácio e o Senado. O Palácio não entendeu que o Senado tem a mesma responsabilidade e força po-

lítica que a Câmara, para rejeitar ou aprovar qualquer matéria. O governo se preocupou em jogar politicamente com força na Câmara e esqueceu o Senado. Chego a perguntar onde está o bloco de apoio ao governo. Em tese, seria o PMDB, o PTB, o PPS, o PT, o PL. Onde está essa maioria?

– Vocês não se articulam, não se reúnem para debater estratégias?

– Se perguntasse quantas vezes a bancada de apoio ao governo no Senado se reuniu, te diria que nenhuma até hoje. É diferente de reunir os senadores do PT. A bancada de apoio, do PMDB ao PT, nunca se reuniu para analisar com profundidade a conjuntura, o que representa esse projeto, esse governo, quais os nossos compromissos, o que podemos flexibilizar em relação a nossa proposta original.

– Os líderes da Câmara se reúnem semanalmente com o ministro da Coordenação Política, Aldo Rebelo.

– Aqui não existe reunião semanal com Aldo coisíssima nenhuma. Tivemos até hoje três reuniões com ele.

– O governo está paralisado?

– Quando a economia não reage de acordo com a expectativa que todos tínhamos, o governo fica numa situação política difícil. Temos de ter mais gestos e ações concretas, que repercutam no conjunto da população. Achava que o salário mínimo seria um gesto emblemático, com repercussão em todo país. Se tivessem acertado na decisão.